

TRANSFORMAÇÕES RECENTES DAS PERIFERIAS URBANAS DA METRÓPOLE DE SÃO PAULO: CONTRIBUIÇÃO PARA (RE)DEFINIÇÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS.

Rosalina Burgos¹

Resumen

As transformações recentes das periferias urbanas foram discutidas por diferentes perspectivas teóricas, a saber: de um lado, um enfoque que visa instrumentalizar o conhecimento acumulado sobre a urbanização pleiteando a governança urbana; enquanto, por outro lado, uma postura essencialmente crítica entende a urbanização como uma circunstância necessária da reprodução do capital em escala mundial.

Considerou-se uma literatura dedicada ao processo de formação da periferia urbana para além do âmbito da Geografia, no que se destaca a participação do campo da sociologia urbana. Isto porque desde a identificação, ou constatação, da existência da periferia, foi introduzida no conhecimento sociológico uma noção de espaço. A partir de então, tanto uma corrente da sociologia queria compreender o espaço, quanto os geógrafos, que tem no espaço-território seu objeto, viram-se na contingência de compreender processos sociais. Assim, em relação ao processo de formação da periferia urbana, recuperou-se algumas contribuições produzidas no âmbito dos estudos urbanos, numa perspectiva crítica, sobretudo nas décadas de 70 e 80.

Sobre estas transformações recentes, buscou-se contribuições que permitissem a comparação de diferentes perspectivas teóricas. São analisados alguns estudos de dois centros de estudos das metrópoles e, por outro lado, contribuições recentes no âmbito da Geografia Urbana.

Palavras-chave: periferia urbana; metrópole; geografia urbana

¹ Profa. Dra. do Curso de Geografia – UFSCAR Sorocaba, Brasil. Email: rburgos@usp.br

Introdução

Com base em nossa pesquisa de doutorado “Periferias urbanas da metrópole de São Paulo: territórios da base da indústria da reciclagem no urbano periférico”, apresentamos neste artigo algumas contribuições teórico-conceituais acerca das transformações recentes das periferias urbanas. Estas, por sua vez, foram discutidas por diferentes perspectivas teóricas, a saber: de um lado, questina-se um enfoque que visa instrumentalizar o conhecimento acumulado sobre a urbanização pleiteando a governança urbana; enquanto, por outro lado, uma postura essencialmente crítica entende a urbanização como uma circunstância necessária da reprodução do capital em escala mundial.

Considerou-se uma literatura dedicada ao processo de formação da periferia urbana para além do âmbito da Geografia, no que se destaca a participação do campo da sociologia urbana. Isto porque desde a identificação, ou constatação, da existência da periferia, foi introduzida no conhecimento sociológico uma noção de espaço. A partir de então, tanto uma corrente da sociologia queria compreender o espaço, quanto os geógrafos, que tem no espaço-território seu objeto, viram-se na contingência de compreender processos sociais. Assim, em relação ao processo de formação da periferia urbana, recuperou-se algumas contribuições produzidas no âmbito dos estudos urbanos, numa perspectiva crítica, sobretudo nas décadas de 70 e 80. Sobre estas transformações recentes, buscou-se embasamentos que permitissem a comparação de diferentes perspectivas teóricas. Neste sentido, são analisados alguns estudos de dois centros de estudos das metrópoles e, por outro lado, contribuições recentes no âmbito da Geografia Urbana.

Assim, em relação ao processo de formação da periferia urbana, foram analisados estudos produzidos no âmbito dos estudos urbanos, numa perspectiva crítica, sobretudo nas décadas de 70 e 80. Deste período, destaca-se o campo da sociologia urbana, mas também da arquitetura e da própria geografia. No que diz respeito às periferias urbanas, consolidou-se a compreensão de que seu processo de formação se caracterizou por um *padrão de crescimento periférico* (Kowarick, 1979; entre outros). As noções de subúrbio, periferia, loteamento periférico, e outros termos derivados, estiveram presentes no pensamento de pesquisadores do tema, tais como José de Souza Martins, Juergen Lungenbuch e Nabil Bonduki, dentre muitos outros. A edição de n°42

da Revista ESPAÇO & DEBATES, sob o título de *Periferia revisitada*, reúne justamente estes três autores, cujos *Depoimentos* são aqui analisados e discutidos.

Sobre as transformações recentes da metrópole de São Paulo, buscou-se contribuições que permitissem a comparação de diferentes perspectivas teóricas. As publicações dos centos de estudos das metrópoles de alguma forma se propõem a “atualizar” a literatura considerada como clássica em sociologia urbana (anos 70-80). Por sua vez, esta atualização apresenta-se já sob a influência recente das reformas do Estado, da ampliação da atuação do Terceiro Setor, e portanto, muito próxima das idéias atreladas à “gestão da pobreza urbana”.

É necessário compreender a gênese e o desenvolvimento da metrópole de São Paulo, para neste movimento reconhecer na formação das periferias urbanas o “processo de periferação da população trabalhadora”. Esta formação espacial corresponde a determinados conteúdos históricos do processo de urbanização-fragmentação que configura a metrópole. Neste sentido, as contribuições de Seabra² tiveram lugar central na pesquisa que embasa este artigo, oferecendo, ademais, um modo de pensar e de fazer pesquisa. O período recente da urbanização se traduz na fragmentação dos conteúdos da metrópole e é neste contexto que a pesquisa se inscreve. Mais especificamente, a pesquisa lida com a negatividade desta urbanização, sendo de fundamental importância as contribuições de Amélia Luiza Damiani (2004), acerca da “urbanização crítica”. Neste sentido, a análise está centrada nos territórios empobrecidos da metrópole, situados seja na periferia distante (ou na *periferia propriamente dita*) ou nas áreas centrais deterioradas (ou ainda nos interstícios do tecido urbano concentrado e estendido), naquilo que são enquanto “espaços do viver” dos trabalhadores pobres e miseráveis da metrópole. São territórios em presença, ou sob domínio, do *urbano periférico*, no qual sobrevive o trabalhador que sobra dos mais diversos setores, absorvido em processos de trabalho existentes no “circuito inferior da economia urbana” que se vincula, direta ou indiretamente, ao “circuito superior”. Sobre este aspecto, temos como base as contribuições de Silveira (2004).

² Sobretudo em sua pesquisa de Livre Docência. Seabra, Odette C. de Lima. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. Depto. Geografia, FFLCH/USP, 2003.

Periferia revisitada: subúrbio, periferia, periferias

Em 2001, a Revista Espaço & Debates dedicou sua edição de número 42 ao resgate da *problemática da periferia*. Em seu Editorial assinala-se que o tema das periferias urbanas, um dos focos privilegiados na pesquisa e no debate acadêmico no Brasil durante as décadas de 70 e 80, foi relegado ao plano secundário nos anos 90, o que justifica o conjunto de artigos e depoimentos que integram a referida edição que tem como título *Periferia revisitada*³. Aqui nos deteremos aos Depoimentos [Entrevistas] de *três pesquisadores que, por diferentes caminhos, há décadas mantém ligações com o tema*: José de Souza Martins, Juergen Langenbuch e Nabil Bonduki, os quais *discutem a gênese e a utilização dos conceitos de periferia, subúrbio e correlatos, na sociologia, na geografia e na prática urbanística*.

José de Souza Martins, em seu depoimento, discorre sobre a noção de subúrbio que, por sua vez, contribui para o entendimento de outra noção, a de periferia⁴, distintas em termos históricos (no tempo e no espaço) e teoricamente, embora muitas vezes sejam confundidas indevidamente. Em ambos os planos (histórico e teórico) a noção de subúrbio precede a de periferia, tendo sido *utilizada em relação ao entorno da cidade de São Paulo durante dois séculos* (Martins, 2001:75).

A primeira referência que o autor faz ao termo periferia é em relação ao subúrbio, mais precisamente do “subúrbio de ar puro” da *região da estação de Taipas, perto do Jaraguá*, existente na década de 50 e que hoje está transformado em *periferia deteriorada*. Aqui, subúrbio e periferia também estão em relação. Uma relação de deterioração do “mundo suburbano” no decurso da formação da periferia que desde sua gênese já surge como escombros da urbanização.

Se, num primeiro momento, na relação “subúrbio-cidade” podemos encontrar complementaridade mesmo na oposição, na relação “subúrbio-periferia” os termos se apresentam como contrários. Neste sentido, *o subúrbio é a negação da periferia*. Subúrbio e periferias são dois espaços diferentes, com problemas distintos: *o problema da periferia é o problema do tumulto da ocupação, o da urbanização patológica, da*

³ *Periferia revisitada*. ESPAÇO & DEBATES – Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Ano XVII, n.42, São Paulo: NERU, 2001.

⁴ Depoimento que tem como base duas obras do autor: *Subúrbio – vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*, de 1992 e *A sociabilidade do homem simples – cotidiano e história na modernidade anômala*, de 2000.

exclusão, da falta de efetivas alternativas de inserção no mundo urbano. (...) o próprio centro da cidade de São Paulo é hoje periferia. (Martins, 2001:79)

Para concluirmos, apresentamos uma última citação: *as vicissitudes da periferia revelam (...) uma grave diferenciação da classe operária que no subúrbio vai desaparecendo. A do trabalhador sujeito a longos períodos de desemprego, de falta de alternativas, de reais limitações à ascensão social, de desagregação da família, algo que os operários do subúrbio não conheceram nos bons tempos de seu reinado. (Martins, 2001:84)*

Já Juergen Richard Langenbuch, em seu Depoimento sobre o tema da periferia, observa que *diversos termos têm sido utilizados, no linguajar leigo e naquele empregado por geógrafos, para se referir às formas de implantação urbana incipiente, entrecortada de trechos ainda rurais, que surgem nas bordas das cidades (Langenbuch, 2001:85)*, tais como: subúrbio e derivados (suburbano, suburbanização, em francês banlieue); periferia e derivados (periférico, periferização); periurbano (geralmente como adjetivo); franja urbana; rurano (geralmente como adjetivo). O autor discorre sobre os mesmos, destacando os termos subúrbio, periurbano e periferia. Vejamos sobre estes dois últimos:

Sobre o termo periurbano (ou *franja urbana*), Langenbuch (2001:88) cita a definição de Pierre Laborde (1994:169) no contexto francês: *o 'peri-urbain' se localiza adiante da periferia de uma cidade e de sua zona suburbana; situa-se nas franjas do espaço urbanizado e com freqüência além dos limites das zonas cobertas por regulamentos de urbanismo. (...) Trata-se com freqüência do subúrbio de recreação graças a suas florestas, seus planos d'água e das margens dos ribeirões, que atraem os cidadãos.(...)*

E o próprio Langenbuch (2001:89) continua: *o interesse por essa porção do espaço circundante às cidades, no que se refere à proliferação desordenada e pulverizada da expansão urbana em detrimento da atividade agrícola e do meio ambiente rural, tal como presente em países como França e Estados Unidos, ainda é muito precário, ou inexistente, no Brasil.*

Bonduki inicia seu Depoimento fazendo referência ao trabalho *Periferias*⁵:

⁵ Pesquisa de iniciação científica desenvolvido junto com Raquel Rolnik, em 1977-78, ainda como estudante da FAU-USP, sob orientação de Lúcio Kowarick.

(...) Em 1977, quando começamos o trabalho Periferias, o conceito de periferia estava muito ligado ao do loteamento periférico, tanto que o nosso objeto de pesquisa, nossa unidade, era o loteamento.(...) Logo em seguida, desenvolvemos a idéia do trinômio sobre o qual se baseia a expansão da cidade: loteamento periférico, casa própria e auto-construção. (...) O trabalho 'Periferias' questionava a idéia de periferia como um local geográfico, a franja periurbana. Loteamento para nós era loteamento precário, sem infra-estrutura. No limite, a periferia poderia estar no centro, na precariedade habitacional dos cortiços. Mas, ao mesmo tempo, a idéia de periferia estava também muito ligada à idéia dos loteamentos periféricos. (Bonduki, 2001:93-94)

O autor também relata a pesquisa histórica (...) “Origens da habitação social no Brasil” [inicializado como mestrado em 1980 e concluído como doutorado em 1997], tendo com um de seus objetivos resgatar o processo de formação do padrão periférico e as estratégias da autoconstrução nos anos 40 e 50 em São Paulo (...) da formação da periferia mediada pelas políticas públicas (Bonduki, 2001:92).

(...) Dos anos 40 aos anos 70, o padrão periférico foi o elemento fundamental de expansão da cidade (...). A lógica do padrão periférico é a lógica da extensão ilimitada da cidade: loteamentos muito baratos, para onde vai a população que precisa da terra, como bucha de canhão (...). Nos anos 80, isso começou a não funcionar mais. Milhares de pessoas não conseguiam mais comprar um lote, porque a terra ficou cara (...) e houve a crise econômica, ocasionando despejos, um forte arrocho salarial e o aumento do desemprego. (Bonduki: 2001, 93-94).

Ainda o subúrbio e a periferia

Autores como Juergen Langenbuch e José de Souza Martins raciocinam com base na noção de subúrbio, noção que entre americanos e ingleses corresponde ao que não está na *urbs*. Por sua vez, o fenômeno da concentração urbana foi considerado entre os franceses como aglomeração urbana, chegando nas grandes aglomerações. Já a

Geografia aplicada nos Estados Unidos reconheceu no fenômeno urbano a metrópole porque hierarquizava o sistema urbano, sendo que a metrópole seria o desenvolvimento mais alto da hierarquia, como se depreende dos estudos de Brian Berry. Alguns franceses (como Perroux e Boudeville) raciocinaram sobre os pólos de crescimento, com vistas ao desenvolvimento econômico e social. Seus estudos foram difundidos pelo mundo⁶.

Acontece que entre nós, à distinção *urbs* – *suburbs*, que estava muito mais sob um enfoque do espaço (*urbs*, o que é e está dentro; *suburbs*, o que não é e está fora), se sobrepôs um raciocínio sócio-econômico que classificava um certo número de países em países do centro e países periféricos; transportadas estas noções para raciocinar as desigualdades regionais no interior de um país, logo foram identificados os centros e as periferias.

Esta mudança de enfoque conceitual ocorreu sob influência do que se discutia na América Latina (CEPAL) sobre o desenvolvimento e a concentração espacial da riqueza e das decisões, de modo que o mundo tinha um centro e uma periferia. Isto que os historiadores já haviam discutido como pacto colonial, sobre a base da relação metrópole-colônia.

De uma noção de espaço mais ou menos bem delimitada de cidade e subúrbio, desembocamos no centro e na periferia. O centro compreendido como o lugar do acúmulo histórico; lugar de nascimento das instituições da cidade. A periferia o outro, aquele que não é a cidade.

A noção de subúrbio ficou anacrônica em relação à periferização produzida na modernidade. Quando o sistema ferroviário ligava o espaço da cidade com seu entorno estávamos diante do subúrbio. Ao contrário, quando o exército de trabalhadores se desloca (domicílio-trabalho) por um extenso espaço relativamente homogêneo, funcional à reprodução social, temos então a periferia.

Aspectos metodológicos da análise das transformações recentes das metrópoles e suas periferias: a questão da heterogeneidade territorial

Em algumas observações acerca dos procedimentos metodológicos adotados em estudos sobre metrópoles e suas periferias, realizados por centros de estudos e

⁶ Seabra, Odette. *Questões sobre valor e uso do solo urbano*. 1975 (mimeo)

observatórios das metrópoles, percebe-se que a fonte principal dos dados corresponde aos levantamentos censitários, como é o caso do IBGE (censos demográficos, industrial, contagem populacional, etc.) além de outras fontes menos frequentes como RAIS, IPEA, planos regionais e setoriais, etc. Quanto às técnicas de tratamento dos dados, encontramos desde o uso de diversos tipos de tabulações, apresentados em tabelas e gráficos, estudos que empregam a *análise fatorial por correspondência*, algumas representações cartográficas, sendo ainda incipiente o tratamento dos dados com Sistemas de Informações Geográficas (SIGs).

Por outro lado, o uso de SIGs aparece como central em muitas pesquisas que analisam as transformações recentes das metrópoles e suas periferias. Os *softwares* para processamento dos dados vêm sendo aperfeiçoados gradativamente em termos de acessibilidade e interatividade com seus usuários, o que facilita seu manejo e disseminação de seu uso. A maior novidade parece estar na possibilidade de análise e interpretação dos dados espacializados em unidades territoriais mais detalhadas, o que permite apreender a *heterogeneidade* do território, o que tem sido interpretado como fenômeno recente nas metrópoles. É o caso de São Paulo e das metrópoles que passaram por processo de formação similar, afastando-se de determinados aspectos da teoria das *global cities*, no que se refere à dualização e polarização da estrutura socioespacial.

Portanto, se por um lado o território da metrópole apresenta maior complexidade e heterogeneidade espacial – o que corresponde aos condicionantes do processo de urbanização no período recente, por outro lado, a referida heterogeneidade, com destaque para as periferias, passou a ser “vista” e considerada não só pelas evidências empíricas e dados tabulados, mas adquiriu visibilidade com a *representação espacial* possibilitada pelos SIGs, redefinindo em certa medida o modo de fazer pesquisa e de conceber e executar políticas públicas. É de fato um avanço inegável em comparação àquelas análises que tinham como menor unidade espacial os distritos municipais como é o caso do *Mapa da inclusão/exclusão social*, de Aldáza Sposati, entre tantos outros. Porém, a ênfase que vem sendo dada ao procedimento metodológico de uso dos SIGs, que permite, antes de tudo, uma série de análises descritivas sobre a heterogeneidade do território, estaria sendo acompanhada por análises teóricas tão ricas quanto aquelas consolidadas em períodos anteriores? E, mais do que isto, que promovam o entendimento das transformações profundas da sociedade e dos rumos da urbanização neste início de século XXI?

Pensamos que as contribuições teóricas dos anos 70 e 80, sob a perspectiva do materialismo histórico, continuam sendo válidas, contribuindo para um modo de explicar a situação de transformação pela qual passa a realidade urbana hoje. Ou seja, se naqueles estudos a periferia urbana foi entendida como um território muito homogêneo e de extrema pobreza, pensamos que tal interpretação não seja resultante de um enquadramento a “uma análise macrosociológica”, mas da compreensão de uma forma urbana (padrão de crescimento periférico) que corresponde aos conteúdos históricos concretos daquele período do processo de urbanização.

A heterogeneidade do espaço urbano é relativa porque se trata efetivamente de desigualdades fundamentais, oriundas do mundo do trabalho que correspondem à inserção social dos sujeitos (indivíduos, famílias, grupos). Estas desigualdades fundamentais resultam na possibilidade de apreender um espaço diferencial equivalendo à “diferença na desigualdade”. Do ponto de vista formal, a diferença na desigualdade aparece como heterogeneidade e cria a possibilidade de operacionalizar o espaço ao nível da superfície, ou seja, em detrimento dos conteúdos correspondentes. Assim, a referida noção de heterogeneidade das periferias urbanas – e do território metropolitano como um todo – analisada e explicada com os recursos técnicos, tais como os SIGs (Sistemas de Informações Geográficas) tem sido intensamente utilizados pelos *centros de estudos das metrópoles*.

Heterogeneidade dos territórios da pobreza: esta é a novidade inquietante das transformações urbanas recentes das pesquisas aqui consideradas – *captadas pelos novos recursos de pesquisa empírica*⁷, ainda que *a estrutura geral da metrópole continue a ser caracterizada pela existência de inúmeros espaços homogêneos social e espacialmente separados entre si, configurando uma intensa segregação entre áreas ricas e pobres*. (Marques e Torres, 2005:10-11)

Não só a pobreza, mas agora o próprio território, ou o espaço [tão intrínsecos à Geografia] devem ser incorporados nas políticas, para que as mesmas *atinjam verdadeiramente seus públicos-alvo*.⁸ Porém, já observamos que desde o reconhecimento da existência da periferia, o conhecimento sociológico lida com uma noção de espaço, portanto não se trata de uma situação nova. Parece de fato que muitos

⁷ O uso dos Sistemas de Informações Geográficas – SIG, destaca-se como inovador nos procedimentos metodológicos destas pesquisas.

⁸ Grifos nossos. Expressão utilizada em Parcerias Público-Privadas.

dos novos estudos sobre as periferias urbanas estão direcionados às políticas públicas que prevêem a participação do Terceiro Setor como parte constitutiva das reformas do Estado, no qual se situam as propostas de oportunidades de “inclusão social com geração de trabalho e renda” para os pobres da metrópole. Ou em outras palavras, a “gestão da pobreza”, no contexto da governança urbana.

A relação centro-periferia na metrópole fragmentada

O modelo espacial centro-periferia pode ser entendido como uma tradução da relação espaço-indústria-periferia. Ou seja, a relação entre os conteúdos da indústria (capital), da periferia (trabalho) e suas modalidades espaciais, pode ser explicada e compreendida como relação centro-periferia. Este entendimento marca as formulações teóricas acerca dos padrões periféricos de urbanização, de modo particular sobre o processo de metropolização da cidade de São Paulo, sobretudo na segunda metade do século XX.

Entretanto, parece necessário não nos limitarmos a esta forma de explicação. Sobretudo nas últimas décadas (passagem do século XX para o XXI), quando a dualidade presente na concepção espacial centro-periferia parece ceder lugar a arranjos e padrões espaciais muito diversificados, ainda que outros modelos, tais como o das *global cities* indiquem nova dualidade ou polarização da estrutura socioespacial. Neste sentido, propomos uma reflexão acerca da relação centro-periferia.

Num primeiro momento, à relação subúrbio-cidade e subúrbio-periferia acrescentemos a relação cidade-periferia. Nesta relação, a cidade, ao se reproduzir como periferia, tende a anular o subúrbio que, segundo Martins (2001:79), é a negação da periferia. Por sua vez, a cidade ao se reproduzir como periferia, reproduz sua própria negatividade (sobretudo em relação ao que São Paulo chegou a ser em meados dos anos 50, “uma cidade de bairros”): este *importante capítulo da geografia e da história urbana situa-se na seqüência temporal das formas urbanas (cidade-bairros-subúrbios-metrópole-periferias)*” e corresponde a *deslocamentos necessários, relativos à aceleração das formas de uso do tempo e sem, necessariamente, apagar os traços do que veio antes* (Seabra, 2004:271). Ainda segundo Seabra (2004:280), a estruturação genética do espaço urbano metropolitano, na metamorfose das formas (...) em correlação ao desenvolvimento desta formação social (cidade-bairro-subúrbio, periferia-

metrópole) acumulam, necessariamente “o velho e o novo”. Neste sentido teve lugar *uma problemática própria que é a desta Cidade com seus bairros num embate que daria lugar à metrópole (...) [n]um processo avassalador que subsumia a estrutura física e normativa da cidade, ao mesmo tempo em que a periferização da população progredia.* (Seabra, 2004: 281) *Industrialização e urbanização formavam um único processo (...) no contexto que era da sociedade do trabalho em curso.*

No decurso do processo de urbanização, considerada a metamorfose das formas que correspondem a conteúdos sociais concretos (Seabra, 2003), a periferia emerge como negatividade do urbano. Neste mesmo sentido, uma outra relação parece corresponder ao momento atual que resulta do processo de metropolização: periferias-metrópole, já indicada por Seabra.

Assim, chegamos à relação *periferias urbanas -metrópole fragmentada*. Aqui o termo periferia vai no plural, o que, como nos diz Bonduki (2001), não se trata de uma novidade. Pelo contrário, indica questões que estão postas ao debate e aos estudos urbanos, ao menos desde a década de 70. É no âmbito desta última proposição que desenvolvemos nossa reflexão sobre as transformações recentes das periferias urbanas, seja na “periferia propriamente dita”, ou nas áreas desvalorizadas, empobrecidas, do “centro propriamente dito”.

Ademais, as transformações recentes no mundo do trabalho implicam em mudanças na relação centro-periferia. Assim, partimos da idéia de periferias urbanas (onde a noção de periferia se refere à condição socioespacial da pobreza), idéia que vai além da compreensão da periferia como o outro da cidade. Desta forma, não se trata da noção de periferia que guarda apenas o atributo do fora, do distante.

As noções de hiper-periferia, peri-urbanização, poli-centralidades, entre outras, querem dar conta das mudanças recentes do processo de urbanização das metrópoles, posto que já não se trata mais do dentro e do fora, do perto e do longe. Tais noções fazem referência à diferenciação espacial com implicações para a redefinição das relações de oposição (sobretudo na relação concentração-dispersão) concernentes ao binômio centro-periferia. De acordo com Seabra,

O movimento que fraciona e que aprofunda as separações na vida social em função da divisão manufatureira do trabalho e das necessidades incessantemente repostas para a reprodução capitalista da sociedade, agora sob os imperativos de um capital que circula livremente pelo mundo,

é um processo que separa, mas que reúne e potencializa enormemente aquilo que reúne. Este é o traço mais fundamental do processo de modernização geral da sociedade. Ao fim e ao cabo, na metamorfose da forma urbana a metrópole contemporânea acabava por configurar-se como uma anticidade: uma superfície de urbanização contínua, de centralidade múltipla e móvel, hiperfuncional, por onde se desloca a multidão, domínio do quantitativo, com aparência de caos, porque movida por inúmeras estratégias. (Seabra, 2003:48)

Não obstante, a centralidade da reprodução do capital, ainda comanda a produção do espaço urbano, mantém e repõe os termos da relação centro-periferia, guardando claramente uma tendência à dispersão. A simultaneidade da expansão e acumulação do capital, conjugadas à escassez da riqueza socialmente produzida – com a manutenção dos territórios empobrecidos – está presente nas longínquas periferias tanto quanto nos centros históricos das cidades. Neste sentido, os fundamentos da desigualdade ao se reproduzirem levam ao aprofundamento das separações (segregação socioespacial), enfim, aos termos da barbárie.

De diferentes modos, aponta-se para a consolidação da idéia de que os territórios empobrecidos da metrópole, nos quais habitam, trabalham, enfim sobrevivem os trabalhadores pobres urbanos, são dramaticamente urbanos. Não são outra coisa senão demasiadamente urbanos: esta é a nossa urbanização, reproduzida como sua própria negação, mas sem meios de agravar as contradições, pois há um *déficit* de negatividade, o que parece configurar a própria barbárie.

Resultado de um processo de “urbanização avassaladora”, tão bem apresentado por Seabra (2003; 2004) em seu estudo que desvenda a metamorfose da cidade de bairros nesta metrópole fragmentada. “Periferização da população trabalhadora” (Seabra, 2004), por sua vez, traduzida de modo tão cabal na compreensão de Damiani sobre esta urbanização que se realiza de forma crítica, num urbano que não é para todos.

A negatividade exacerbada que pesa sobre o cotidiano vivido pelos pobres sem trabalho na metrópole do trabalho, não chega ao ponto de superar as contradições, no sentido de um outro devir. Se por um lado, a negatividade do urbano pode ser mais profunda na periferia urbana propriamente dita, por outro, o *déficit* de negatividade sendo maior no centro, faz com que os territórios empobrecidos estejam sempre na iminência de serem suprimidos (a exemplo da Operação Urbana). Ou seja, se por um

lado, o urbano enquanto negatividade é mais completo na periferia (o que é a própria periferia), por outro, o *déficit* de negatividade maior no centro, não chega ao ponto de permitir a positividade plena do urbano; positivo-negativo ficam em conflito. Estas reflexões conduzem à noção de *urbano periférico*.

Considerações finais: a noção de urbano periférico

A noção de *urbano periférico* foi formulada no escopo de nossa tese, e se situa tanto sob uma perspectiva sociológica quanto numa perspectiva geográfica, relativa à economia política do espaço. Com a primeira perspectiva, pode-se compreender as periferias urbanas enquanto condição social da pobreza. O que, por sua vez, permite admitir sua presença tanto na periferia quanto no centro propriamente ditos. Na segunda perspectiva, a noção ilumina⁹ o espaço da (re)inserção produtiva da população pobre urbana. Segundo Seabra (2003:3), *as estruturas técnicas e de inovações que a modernização pela industrialização desencadeou, atingiram a sociedade inteira e novas e sucessivas formas de emprego do tempo iriam acontecendo até alcançar a casa, a família, a criança, a mulher e os idosos. A reprodução da sociedade envolveu o tempo e o lugar da reprodução da vida, e seguiria produzindo o cotidiano como uma seqüência lógica e necessária desse mesmo processo.* (Seabra, 2003:3) Por isso, o urbano periférico é próprio do processo de transformação recente da periferia urbana, locus histórico de reprodução da classe trabalhadora, que vive sob as contingências do próprio processo de modernização. No referido processo, contingentes cada vez maiores de trabalhadores pobres urbanos sobrevivem nos interstícios do urbano com suas *estratégias de sobrevivência*. Estas que, pelos mais curiosos e dissimulados nexos, ligam-se abstratamente às estruturas produtivas, situadas concretamente no alhures. O urbano periférico se refere à centralidade do urbano, a qual, por definição (ao menos segundo as contribuições da obra de Henri Lefebvre), é encontro, reunião, concentração, simultaneidade, inclusive das diferenças, das separações e dos conflitos. As periferias são urbanas, mas nelas o urbano é periférico, traduzindo-se como possibilidade constrangida do urbano. É o urbano negado aos pobres, em suas possibilidades de realização plena, no decurso da reprodução capitalista. Mas que ainda assim segue como

⁹ Referência aos *espaços opacos* onde vivem os *homens lentos* definidos por Milton Santos, em A natureza do espaço, de 2002.

Transformações recentes das periferias urbanas da metrópole de São Paulo: contribuição para (RE) definições teórico-conceituais.

Rosalina Burgos

potência, inscrita nas práticas socioespaciais que instauram territórios de uso em pleno urbano periférico, para além do reino das necessidades.

Bibliografia citada

BONDUKI, Nabil. *Depoimento*. Periferia Revisitada. Revista Espaço & Debates, ano XVII, n.42. São Paulo: Neru, 2001. Pp. 92-99 [Entrevista]

BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria*. 3ª ed. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 2002. [1998].

DAMIANI, Amélia Luisa. *Urbanização crítica e situação geográfica* In CARLOS, A.F.; Oliveira, A.U. (orgs.). *Geografia de São Paulo: representação e crise da metrópole*. São Paulo: Contexto, 2004.

KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. RJ: Paz e Terra, 1979.

LANGENBUCH, Juergen Richard. *Depoimento*. Periferia Revisitada. Revista Espaço & Debates, ano XVII, n.42. São Paulo: Neru, 2001. Pp. 85-91 [Entrevista]

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo. *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

MARTINS, José de Souza. *Depoimento*. Periferia Revisitada. Revista Espaço & Debates, ano XVII, n.42. São Paulo: Neru, 2001. Pp. 75-84 [Entrevista]

SEABRA, Odette C. de Lima. *São Paulo: a cidade, os bairros e a periferia* In Carlos, A.F.A. e Oliveira, A.U. de (orgs.). Geografias de São Paulo: representação e crise da metrópole. São Paulo, Editora Contexto, 2004. Pp. 271-311

SEABRA, Odette C. de Lima. Territórios de uso: cotidiano e modo de vida. *Cidades*, Grupo de Estudos Urbanos. v.1, n.2, 2004. Pp.181-206

SEABRA, Odette C. de Lima. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. Tese de Livre-Docência. Depto. Geografia, FFLCH/USP, 2003.

SEABRA, Odette. *Questões sobre valor e uso do solo urbano*. 1975 (mimeo)

Transformações recentes das periferias urbanas da metrópole de São Paulo: contribuição para (RE) definições teórico-conceituais.

Rosalina Burgos

SILVEIRA, Maria Laura. *São Paulo: os dinamismos da pobreza* In Carlos, A.F.A. e Oliveira, A.U. de (orgs.). Geografias de São Paulo: representação e crise da metrópole. São Paulo, Editora Contexto, 2004. Pp. 59-71.